

ESPELHO

JORNAL ILLUSTRADO

Vol. II.

(BRAZIL: PREÇO 300 REIS.)

Londres, 27 de Janeiro 1917.

(PORTUGAL: PREÇO 8 CENT.) No. 24



UM HEROE DOS TANKS

De Graphie

O CAPITÃO FREDERICK HOTBLACK, DO CORPO DE ARTILHARIA BRITANNICA, AVANÇANDO NA FRENTE DE UM "TANK" DURANTE UM COMBATE DADO POR ESSAS PODEROSAS MACHINAS DE GUERRA. A SUA BRÁVURA E SANGUE FRIO DEMONSTRADO NA ACCAO FOI EXTRAORDINARIO, RECEBENDO PELO SEU SUCCESSE A CONDECORACAO "D.S.O." POR OUTROS FEITOS DE HEROISMO JA HAVIA RECÉBIDO A MEDALHA "M.C."



Escritórios da redacção e administração
d' "O Espelho."

9, Victoria Street, W.

Telephone—Victoria 4661.

Londres.

Assignaturas.	Brazil.	Portugal.
Annual ou (26 numeros)	Rs. 10 \$000	3 \$00
Semestre ou (13 numeros)	Rs. 5 \$000	1 \$50

AGENCIAS.

PARIS.

F. Mendes d'Almeida, 47, rue Vivienne.

Lisboa.—

Alberto Rocha, 110, Rua dos Douradores.

Porto.—

Magalhães & Moniz, Largo dos Loyos.

Mãeas.—

Stowell Brothers, Rua Marechal Deodoro, No. 7.

Para (Belem)—

A. M. Freitas & Cia, Trav Campos Sales, 22
"Alfacinha," Rua João Alfredo.
Livreria Universal de Tavares Cardoso, Rua
João Alfredo.

São Luiz do Maranhão.—

Antonio Pereira Ramos de Almeida & Cia.

Ceará.—

Crato, Rua do Commercio, 9, José de Carvalho
Camocim, José Pedro de Carvalho,
Casa Ribeiro.

Parahyba do Norte.—

Simão Patricio de Almeida, Areia.

Pernambuco.—

Eugenio Nascimento & Cia, Livreria.
Evaristo Maia, Rua dos Coelhos, 3.
Manoel Nogueira de Souza, do Barão,
da Victoria.
João Walfredo de Madeiros & Cia., (Libreria
Française), Rua 1 de Março 9.

Bahia.—

Joaquim Ribeiro & Cia., Rua das Princesas
No. 2.

Victoria.—

Faschoal Sciamarello, Rua Jeronymo Mon-
teiro 6.

Rio de Janeiro.—

Agencia Cosmos, Rua da Assembléa, No. 63.
Crashley, Rua do Ouvidor, 58.

São Paulo.—

Casa Vanorden & Cia, Livreria.
C. Hildebrand & Cia (Casa Garraux), Rua 15 de
Novembro 40.
Pedro S. Magalhães, Rua da Quitanda 26.
Duprat & Cia., Rua Direita 26.
P. Genoud, Livreria, Campinas.

Porto Alegre.—

Livreria Universal Carlos Echenique.
Agencia Cosmos.
Livreria Americana.
Fructos, Fontoura, 4, Praça da Alfandega.

Rio Grande do Sul.—

Albert C. Wood, S. Fco de Paula Cimo de Serra.
Livreria Americana, Pinto & Cia.
Meira E. Cia Livreria Commercial.

Curitiba.—

J. Cardoso Rocha, Rua 15 de Novembro.

Goyas.—

Alencastro Veiga, Rua do Commercio.

Minas Geraes (Belle Horizonte)—

Casa Arthur Haas
Rua da Bahia, no 784, C. Postal No. a.

NOTAS DO DIA

UM dos mais notáveis efeitos da recente troca de notas diplomaticas foi estreitar as boas relações dos dois povos irmãos britannico e o norte-americano.

Nos primeiros momentos a acção do presidente Wilson foi mal interpretada, particularmente devido á obscura construção do trecho em que dizia ás rivaes nações belligerantes, que segundo as suas declarações, os seus alvos eram identicos.

Na presumpção de semelhança de objectivos—presumpção, entretanto, que não é acceta nem rejeitada na nota americana, severamente imparcial—os belligerantes são convidados a transformarem em propostas definidas os seus sentidos protestos, de maneira que o mundo neutro possa julgar quem tem razão.

E' um tanto duvidoso se o presidente Wilson, quando projectou esse convite, previu exactamente como seria recebido. Na Inglaterra, porém, actualmente, o presidente está recebendo tanto credito pela sua previsão e sagacidade como se tivesse antecipado tudo e disposto o seu plano de accordo.

Duas conclusões podem ser tiradas da honrosa impressão causada—uma é que o povo britannico está satisfeito com a situação causada pelas communicações sobre a paz, e a outra, que a primeira tentativa criteriosa de mediação por uma nação neutra, não teve, no seu aspecto geral, um resultado desanimador.

Ainda assim, si o pedido para uma definição de termos teve maior successo do que parecia possível no passado, se deve unicamente ao candor e boas disposições das nações da *Entente*.

E' um facto estranhavel que as potencias centraes, apesar de haverem sido as primeiras a pedir uma conferencia para discutir os termos de paz, se negassem a aceitar o repto que ellas mesmas provocaram.

Dizem que communicaram confidencialmente ao presidente Wilson as suas pretenções, e pode ser que assim tenha acontecido. Entretanto, o que o presidente Wilson pediu foi um pronunciamento de caracter tão aberto e inequivoco que todo o mundo possesse julgar do seu merito.

E' difficil imaginar como a Allemanha pode recusar-se a satisfazer esse pedido depois de positivamente appellar para a mediação de uma nação neutra. Tal recusa, indubitavelmente, a collocaria numa posição bem falsa e mais tarde, pela pressão da opinião publica das nações neutras, seria forçada a descobrir, pelo menos, parte das suas propostas.

A capitulação absoluta de todo o territorio occupado é inevitavel; méros boatos sobre o maximo que as potencias centraes estão resolvidas a ceder nesta parte, são tão inuteis quanto vagas afirmações de magnanimos sentimentos, para os praticos fins de tratar de um accordo.

Alguns criticos neutros descobrem uma falta de tal sentimento em uma ou duas das propostas das nações da *Entente*.

Todos admittem, porém, que as propostas são, pelo menos, intelligíveis e definidas transmittindo uma concepção clara dos motivos por que os seus autores se estão attendendo.

Nestas circumstancias, as nações da *Entente* provavelmente acham que seria inutil perder tempo com os seus adversarios numa futil troca de recriminações, base das ultimas notas da Allemanha.

Causa surpresa geral a continua tentativa para justificar os crimes, que confessam ter commettido na Belgica—uma justificação, deve notar-se, pela qual qualquer potencia fortemente armada poderia exigir o direito da passagem atravez do territorio de um visinho fraco, tendo a sua recusa, como castigo, a destruição pela espada.

Nada mais parece ser considerado necessario sob esta nova doutrina de direito internacional, que um delicado pedido de permisso

para atravessar um territorio, para envolver qualquer neutro na esphera da guerra, e se não satisfizer o pedido, a sua vida correrá perigo de destruição. Uma bella doutrina para ser pregada por um povo que se proclama campeão do direito das pequenas nações! Pode-se bem imaginar o que pensarão de taes theorias os demais visinhos da Allemanha.

Historicamente, a attitude do Reino Unido, para com a neutralidade da Belgica, garantida, sempre foi correctissima, respeitada com o maior escrupulo possível, e pela evidencia de bem conhecidos e autenticos documentos que existem sobre o assumpto, é inutil procurar contestar o correcto procedimento da Gran-Bretanha, citando alguns vagos boatos diplomaticos de 1887.

Quando Bismark sondou a opinião do Governo Britannico, dois annos antes da guerra franco-prussiana, com relação á attitude da Inglaterra no caso de tal rompimento, foi immediatamente informado de que esta nação não se sentia de modo algum obrigada a intervir, excepto se a Belgica fosse involvida. A Belgica involvida, lhe foi avisado, seria uma "questão bem diferente."

Novamente em 1870, quando o proprio Bismark lembrou o anterior aviso, a Inglaterra obteve tanto da França como da Prussia a renovação das suas promessas de respeitar a neutralidade da Belgica.

Em vista de tão conhecidos precedentes a fingida surpresa da Allemanha, pela insistencia da Inglaterra em considerar sagrado o "trapo de papel," não causa grande admiração.

Conforme esperavam todos os que conhecem o sentimento do povo britannico, o ultimo emprestimo de guerra foi recebido em todo o paiz com grande entusiasmo. Se a lista de subscriptores for tomada como indicação do grau de entusiasmo do que se pode chamar sentimento pelo guerra, este deve ser actualmente maior e mais fervoroso do que em qualquer previa phase do conflicto.

Ainda assim, apesar do emprestimo ter todas as probabilidades de um optimo resultado sem precedente, deve-se attribuir a maior parte desse successo á firme resolução do povo de continuar a guerra e não ao amor pela luta.

Em taes casos, negocios se associam com patriotismo, e para mostrar a sua confiança na força dos aliados para vencer a guerra, o publico empregando o seu capital no emprestimo, testemunha ao mesmo tempo a sua fé na firme estabilidade das finanças da Gran-Bretanha. Até o dia 15 do corrente já havia sido subscripto para o emprestimo, um total de mais que 200.000.000 de libras esterlinas.

Si a phase final da guerra vai ser curta e decisiva, ou longa e obstinada, provavelmente ficará patente nos proximos meses.

Actualmente, o governo britannico e todos os seus alliados preparam-se para uma forte acção. Vastos planos de organização nacional, envolvendo os mais vites recursos do paiz, estão sendo postos em execução com maior actividade do que em qualquer epocha desde o principio da guerra.

Em todo o paiz sente-se aproximar o momento de uma forte acção—a certeza da existencia de grandes reservas, accumuladas forças, e profunda confiança na capacidade de resistencia e immediato successo.

Pela primeira vez, deve ser notado, desde que a Allemanha entrou na segunda phase de seus cruéis ataques de submarinos contra a marinha mercante de belligerantes e neutros, o Almirantado Britannico, por intermedio de Sir J. Jellicoe, nos informou officialmente da efficacia das medidas adoptadas para os combater. Reservada como foi essa noticia entretanto, pela sua origem, nos assegura um real successo.

Com effeito, tem havido provas ultimamente de um desenvolvimento de novos processos contra esta arma, que não agrada aos allemães.



1—Soldados britânicos extrahindo agua das trincheiras alagadas

2—Trincheira que communica com as da primeira linha

A NOTA DOS ALLIADOS

A RESPOSTA AOS ALLEMÃES

OS Governos Alliados, da Belgica, da França, da Gran-Bretanha, da Italia, do Japão, do Montenegro, de Portugal, da Romenia, da Russia, e da Servia, unidos para a defesa da liberdade dos povos e fiéis ao compromisso tomado de não deponer isoladamente as armas, resolveram responder colectivamente ás pretenças propostas de paz que lhes foram dirigidas por parte dos Governos inimigos, por intermedio dos Estados Unidos, da Espanha, da Suissa e dos Países Baixos.

Antes de qualquer resposta, ás Potencias aliadas cumpre-lhes levantarem-se altamente contra as duas asserções essenciaes da nota das Potencias inimigas que pretende lançar sobre as Potencias aliadas a responsabilidade da guerra e que proclama a victoria das Potencias Centrais. Os Alliados não podem admitir uma affirmacão *inexacta* o que basta para ferir de esterilidade toda e qualquer tentativa de negociação.

As nações aliadas soffrem ha 30 meses uma guerra que ellas tudo fizeram para evitar; demonstraram por actos a sua dedicacão á paz; esta dedicacão é tão firme hoje como era em 1914.

Depois da violação dos seus compromissos, não é sobre a palavra da Allemannia que a paz, rota por ella, pode fundar-se. Uma suggestão sem condições para a abertura de negociações, não é um offerecimento de paz. A pretendida proposta desprovida de substancia e de precisão, posta em circulaçã pelo Governo imperial, apparece menos como uma offerta de paz do que como uma manobra de guerra. E' baseada no desconhecimento systematico do caracter da luta no passado, no presente e no futuro.

Quanto ao passado, a nota alemã ignora os factos, as datas, os algarismos que provam que a guerra foi desejada, provocada e declarada pela Allemannia e a Austria-Hungria.

Na Haia, foi o delegado allemão quem rejeitou qualquer proposta de desarmamento; em julho de 1914, foi a Austria-Hungria quem, depois de ter dirigido á Servia um "ultimatum" sem precedentes, lhe declarou guerra, não obstante as satisfações immediatamente obtidas. Os Imperios Centrais repeliram, então, todas as tentativas feitas pela Entente para assegurar a um conflito local uma soluçã pacifica. O offerecimento de uma conferencia pela Inglaterra, a proposta franceza da Comissão Internacional, o pedido de arbitragem do Imperador da Russia ao Imperador da Allemannia a Entente" realizada entre a Russia e a Austria-Hungria na vespera do conflito, todos estes esforços foram deixados pela Allemannia sem resposta e sem seguimento. A Belgica foi invadida por um Imperio que tinha garantido a sua neutralidade e que não se arreciou de proclamar elle mesmo que os tratados eram "farrapos de papel" e que a "necessidade não tem lei."

Pelo que respeita ao presente, as pretendidas ofertas da Allemannia cobrem-se com um *apa* da guerra que não *exprime* mais que a apparencia exterior e passageira da situação, não a força real dos adversarios. Uma paz concluida partindo destes dados seria em vantagem exclusiva dos aggressores que, tendo julgado attingir o seu fim em dois meses, descobrem ao fim de dois annos que não o attingirão nunca.

Quanto ao futuro, as ruinas causadas pela

declaracão de guerra alemã, os attentados inumeraveis cometidos pela Allemannia e os seus alliados contra os beligerantes e contra os neutros exigem sanções, reparações e garantias; a *Allemannia illude umas e outras.*

Na realidade, a abertura de negociações feita pelas Potencias Centrais não é mais que uma tentativa calculada com o fim de agir sobre



Metralhadora allemã, capturada em Beaumont-sur-Arges.



Soldado ingles olhando atraz ex de avante (arjado)

a evoluçã da guerra e de impôr finalmente uma paz alemã.

Ella tem por objecto perturbar a opiniã nos paizes alliados; esta opiniã, não obstante os sacrificios consentidos, já respondeu com uma firmeza admiravel e denuncia o *ratio* da declaracão inimiga. Quer robustecer a opiniã publica da Allemannia e dos seus Alliados, tão gravemente experimentados já pelas suas perdas, gastos pelo

aperto economico e esmagados pelo esforço supremo que dos seus povos exige. Procura enganar, intimidar a opiniã publica dos paizes neutros fixada desde muito tempo nas responsabilidades inicias, esclarecidas sobre as responsabilidades presentes e clarividente demais para favorecer os desingnios da Allemannia, atadando a defesa das liberdades humanas. Tendo, emfim, a justificar antecipadamente aos olhos do mundo novos crimes; guerra sul marina, deportações, traalhõs e alistamentos forçados de nacionais contra o seu proprio paiz, violações de neutralidade.

E' na plena consciencia da gravidade, mas tambem das necessidades desta hora que os Governos Alliados, estreitamente unidos entre si e em perfeita comanhã com os seus povos se recusam a tomar conhecimento duma proposta sem sinceridade e sem alcance. Affirmam uma vez mais que não ha paz possivel em quanto não forem asseguradas a reparaçã dos direitos e das liberdades violadas, o reconhecimento do principio das nacionalidades e da livre existencia dos pequenos Estados; enquanto não for garantido um regulamento de natureza a suprimir definitivamente as causas que ha tanto tempo tem ameaçado as nações e a dar as unicas garantias efficazes para a segurança do mundo.

Cumpre ás Potencias Aliadas, terminando, exporem as considerações seguintes, que fazem realçar a situação particular em que se encontra a Belgica depois de dois annos e meio de guerra. Em virtude dos tratados internacionaes assinados pelas cinco grandes potencias da Europa, no numero das quais figurava a Allemannia, a Belgica gosava antes da guerra dum estatuto especial que tornava o seu territorio inviolavel e a collocava sob a garantia das Potencias, ao abrigo dos conflitos europeos. Todavia, com menosprezo dos tratados a Belgica foi a primeira a soffrer a aggressão da Allemannia. Eis porque o Governo belga julga necessario precisar o fim que a Belgica nunca deixou de proseguir combatendo ao lado das Potencias da "Entente" pela causa do direito e da justica.

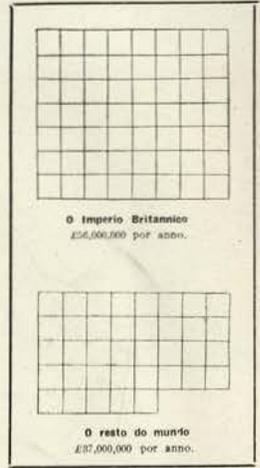
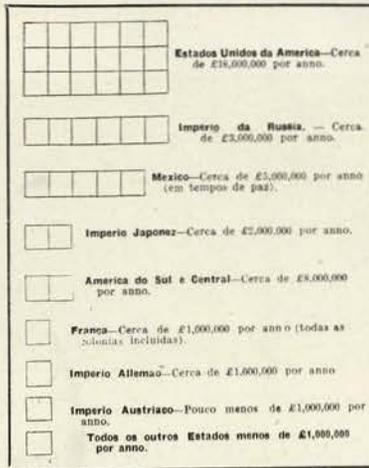
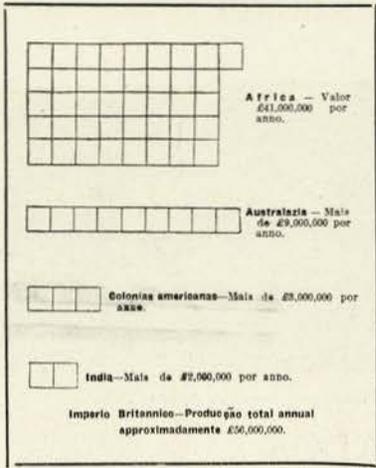
A Belgica sempre observou escrupulosamente os deveres que lhe impunha a sua neutralidade. Pegou em armas para defender a sua independencia e a sua neutralidade violada pela Allemannia e permanecer fiel ás suas obrigações internacionaes. No dia 4 de agosto o Reichstag, o chanceler reconheceu que esta aggressão constituia uma injustiça contra o direito das gentes e em nome da Allemannia comprometu-se a repã-la.

Ha dois annos o meio que esta injustica tem sido cruelmente agravada pela pratica da guerra e de occupações que esgotaram os recursos de paiz, arruinaram as suas industrias, devastaram as suas cidades e as suas aldeias, multiplicaram os massacres, as execuções e as prisões. E, no momento em que a Allemannia fala ao mundo em paz e humanidade, deporta e reduz á escravidão cidadãos belgas aos milhares.

Antes da guerra, a Belgica não aspirava senão a viver em bom accordo com todos os seus visinhos. O seu rei e o seu governo não tem mais que um fim; o restabelecimento da paz e do direito. Mas querem só uma paz capaz de assegurar ao seu paiz reparações legitimas, garantias e seguranças no futuro.

A PRODUÇÃO DO OURO DO MUNDO

O Predomínio do Imperio Britannico



UM dos maiores problemas relativos á guerra europea, se realmente não é o principal, é o das finanças; por isso, algumas observações sobre a produção do ouro do mundo não vem, neste momento, fóra de proposito.

A importância do ouro, é tal que, ha longo tempo, tem constituido o principal meio de cambio na maior parte do mundo civilizado. Geralmente fallando, uma certa quantidade de ouro é essencial para a estabilidade financeira de um Estado. Uma circulação de papel moeda, que não é garantido por uma forte reserva metálica, não apresenta grande garantia contra depreciação, e, de facto, como a historia demonstra, quasi sempre se deprecia, e algumas vezes numa proporção inacreditavel.

Em França, cerca do anno de 1795, quando as perturbações revolucionarias tinham destruido o commercio e o credito, e a moeda metal havia quasi desaparecido, o valor da moeda papel rapidamente diminuiu até quasi nada valer. Um franco papel (10 pence, valor nominal) realmente valia de $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{15}$ pence. Um pão, pesando cerca de 150 grammas, custava 50 francos. O ouro era tão precioso, que 28.000 francos papel eram precisos para obter o valor de um *luz* ouro, ordinariamente valendo 25 francos! Generaes cujos vencimentos eram nominalmente de 48.000 francos por anno, mal podiam comprar os mais necessarios artigos de manutenção e equipamento. Occasiao houve em que cada general de divisão recebia, como especial favor, tres *lutes* em ouro, e com esta importancia conseguiam apenas manter-se por alguns mezes.

Na America do Sul frequentemente tem havido falta de moeda metal, e o papel moeda por consequencia soffreu depreciação. Na Colombia o valor do dollar papel (quatro shillings e dois pence, valor nominal) valia recentemente $\frac{1}{2}$ pence! Mesmo em Estados prosperos, condições identicas os affectam, pelo motivo de não haver consideravel circulação de moeda metal, para servir de firme base.

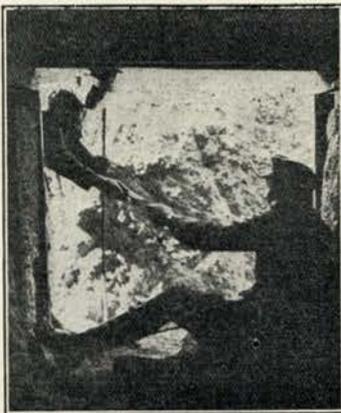
Ouro, deve ser lembrado, é uma commodity mercantil e precisa ser comprada e vendida como qualquer outra. Tambem se deve ter em vista que actualmente a existencia de ouro em qualquer localidade não quer dizer que tenha valor pratico para fins de commercio. A sua mineração pode ser um processo tão dispendioso que a quantidade produzida não pague o custo da produção. Quando ouvimos fallar nos vastos tesouros de monarchas de epochas antigas, precisamos lembrar-nos do seguinte: (1) que as importancias eram provavelmente exaggeradas; (2) que os monarchas podiam obter uma grande quantidade de trabalho executado por escravos, e assim accumular o metal precioso; (3) que a a riqueza dos monarchas não significa riqueza

quantidade, menos de 1.500.000 libras esterlinas annuaes. A principal região do mundo produtora de ouro é a Africa do Sul, que fornece quasi a metade da total produção do mundo. O ouro é extrahido em apreciaveis quantidades, aumentando sempre no Japão, mas ainda não em grande quantidade, e tambem na India. Indubitavelmente existe immensa quantidade na America do Sul, porém, as difficuldades de mineração nessa zona são tambem enormes.

Durante seculos a Asia Menor e a Peninsula dos Blakans—especialmente a Asia Menor—forneceram ouro ao imperio romano e a toda a Europa; é muito provavel que exista bastante ouro nessas regiões não exploradas. Presentemente, não é extrahido ahi em quantidades apreciaveis.

As condições da produção de ouro, do mundo, poderá ser apreciada pelos diagrammas desta pagina. O Imperio Britannico produz quarenta por cento da quantidade total extrahida. As outras nações da *Entente* tambem produzem certa quantidade de ouro, especialmente a Russia. No seu todo, as nações da *Entente*, para o fim de reforçar as suas reservas de ouro e evitar a perigosa depreciação do seu dinheiro papel podem contar com uma extracção annual do precioso metal, no valor appoximado de 65.000.000 de libras esterlinas talvez mais, visto que os calculos referentes á Russia são provavelmente inferiores á sua produção. As Potencias Centras produziram ao todo, menos de 2.000.000 esterlinos, antes da guerra. Quando ainda se considera que o commercio do Imperio Britannico, particularmente, e o de todas as suas alliadas tem soffrido muito menos que o das Potencias Centras, a vantagem financeira dos alliados, é preponderante. Os alliados por quanto estejam fazendo os seus grandes pagamentos a dinheiro e assim conservando o equilibrio do cambio perfeitamente, mantem as suas reservas de ouro com o auxilio dos seus recursos naturaes a este respeito. Isto torna-se evidente na constante depreciação monetaria da Alemanha e da Austria.

E. F. Da Spiere.



Fora do alcance do fogo do inimigo. Uma covã transformada em trincheira

nacional. Era commum naquelle tempo, e continua ainda hoje a ser praticado em muitas partes do mundo, accumular dinheiro em vez de o pôr em circulação. Quando Alexandre o Grande conquistou a Persia apossou-se de uma grande quantidade de ouro, em moeda e barras, dos thesouros imperiaes, aproximadamente avaliada em 70.000.000 de libras esterlinas (actual valor).

Esta somma parece gigantesca, mas era simplesmente o excesso da receita accumulada no periodo de 200 annos, durante a maior parte do qual prevaleceu a paz e a prosperidade. Vemos que a media annual, paga ao thesouro, foi cerca de 350.000 libras esterlinas. O imperio persa tinha uma vasta circulação de moeda ouro cujo metal havia sido extrahido das minas em todo o paiz. O historiador Finlay inclinou-se tambem a attribuir uma grande parte da espantosa prosperidade do antigo imperio romano (*byzantino*) ao facto de produzir ouro em grande quantidade, tendo assim uma forte e firme base metálica para o seu vasto commercio mundial e necessario credito.

Actualmente, o ouro não é encontrado em grandes quantidades nos paizes europeus nem a sua extracção remunerativa. A Alemanha e a Austria cada uma produz uma pequena



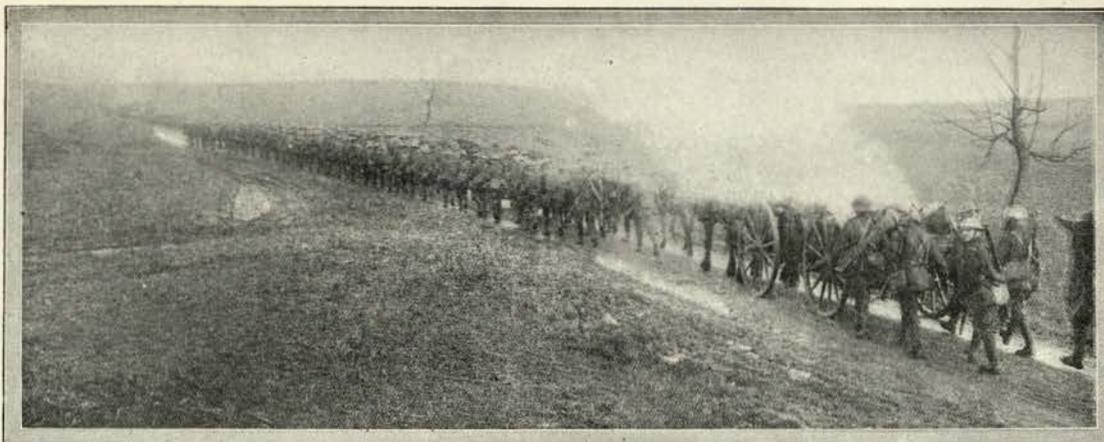
Um general inglez pergunta o que os seus soldados tem para jantar

AS DAMAS DO EMPRESTIMO



"CARTEIRAS" ENTREGANDO PROSPECTOS DO ÚLTIMO EMPRESTIMO INGLEZ. Do Graphic

O trabalho domestico e de enfermeira não mais monopoliza as actividades da mulher na Inglaterra, que agora desempenha todos os misteres a'd hoi entregues aos homens. A mulher é essencialmente a portadora da bolsa e por isso é muito apropriado que um dos seus novos empregos—carteiras—seja entregar prospectos do empréstimo da guerra.



Tropas britannicas dirigindo-se para as linhas da vanguarda

RESPOSTA DOS ALLIADOS AO PRESIDENTE WILSON

O TEXTO DA NOTA

1.—Os governos alliados receberam a nota que lhes foi entregue em 19 de dezembro de 1916, pelo governo dos Estados Unidos. Consideraram-na com o devido cuidado, não só pela nitida compreensão que tem da gravidade do momento, mas também pela sincera amizade que os liga ao povo americano.

2.—De um modo geral, elles desejam declarar os seus respetos pelos bellos sentimentos que a nota americana inspira, plenamente concordando com a proposta para a formação de uma liga de nações capazes de assegurar a paz e a justiça em todo o mundo. Reconhecem os beneficios que advirão á causa da humanidade e da civilização pela instituição de um accordo internacional, com o fim de impedir violentos conflitos entre as nações, baseado em taes termos que possa impôr as leis necessarias para os desejados effeitos, pois que uma falsa 'garantia serviria apenas para facilitar novas aggressões. Os alliados alimentam o mesmo vivo desejo que o governo dos Estados Unidos, de ver a guerra terminada o mais breve possível, pela qual são responsaveis os imperios centraes, causando terriveis soffrimentos á humanidade.

Mas, na sua opinião, é impossivel obter tal paz neste momento, visto que lhes não traz a reparação, restituição e garantias, que lhes são justamente devidas pela aggressão das potencias centraes, inteiramente responsaveis; o verdadeiro principio, de onde originou, estava, abalando a segurança da Europa; ao mesmo tempo é preciso que seja uma paz que garanta o futuro das nações europeias, sob bases seguras.

As nações alliadas estão convencidas de que não estão combatendo por interesses egoistas, mas para salvaguardar, acima de tudo, a independencia dos povos, o direito e a humanidade.

4.—Os alliados reconhecem perfeitamente os prejuizos e soffrimentos causados não só aos neutros, mas aos belligerantes. Lastimam-nos, entretanto não podem se considerar responsaveis por isso, visto que de nenhum modo desejaram ou provocaram esta guerra. Estão fazendo tudo o que é possível para reduzir em todos os sentidos o mal causado por ella; tanto quanto podem

fazer sob a enoxoravel necessidade de prover á sua propria defeza contra a violencia e invenções do inimigo.

5.—Notam com satisfação a declaração que lhes foi feita, de que a nota americana não tem relação alguma, na sua origem, com a dos poderes centraes, entregue em 18 de dezembro pelo governo dos Estados Unidos.

Todavia, elles não duvidam da resolução desse governo, procurando evitar a menor



Durante o rigoroso inverno na frente occidental

apparencia de suporte moral dado aos responsaveis autores da guerra.

6.—Os governos alliados julgam seu dever protestar, não só nos mais amigaveis, mas mais claros termos, contra a analogia feita entre os dois grupos de belligerantes. Esta analogia baseada nas declarações publicas das potencias centraes está em perfeito desacordo com os factos evidentes, não só pelo que diz respeito ás responsabilidades do passado, mas também ás garantias no futuro. E' claro que o presidente Wilson alludindo a esta analogia, certamente, não teve em vista admittil-a.

7.—Se ha algum facto claramente firmado na historia de hoje, é a calculada politica de aggressão, pela qual a Alemanha e a Austria-Hungria procuraram firmar a sua hegemonia na Europa e o seu dominio economico em todo o mundo. Pela sua declaração de guerra, pela rapida violação da Belgica e do Luxemburgo e pelo seu methodo de guerra, a Alemanha provou que despreza systematicamente todos os principios de humanidade e qualquer respeito devido aos pequenos Estados. Quanto mais a luta tem progredido, tanto mais as potencias centraes e seus alliados tem mantido uma attitude de constante provocação á humanidade e á civilização. E' por ventura necessario relembrar os horrores que acompanharam a invasão da Belgica e da Servia, o tratamento atroz soffrido pelos paizes invadidos, os massacres de centenas de milhares de inoffensivos armenios, as barbaridades commetidas contra os povos da Syria, os ataques de zepellins a cidades indefeas, a destruição de transatlanticos e navios mercantes, até mesmo de neutros, por meio de submarinos, o cruel tratamento para com os prisioneiros de guerra, os assassinatos de Miss Cavell e capitão Fryatt, a deportação e a escravatura das populações civis, etc.? A perpetração dos crimes constantes desta lista, sem respeitar a reprovação da humanidade, certamente explicará ao presidente Wilson o protesto que os alliados aqui lhe dirigem.

8.—Elles consideram que a nota entregue aos Estados Unidos em resposta á nota allemã, responde á questão apresentada pelo governo americano, e constitue em suas proprias palavras uma publica "demonstração do seu modo de pensar, quanto aos termos em que a guerra poderá ser finalizada." Mas o presidente Wilson demonstrou outro desejo; elle gostaria que as potencias em luta mencionassem claramente os fins que tem em vista na continuação da guerra. Os alliados, por m, não encontram dificuldade em satisfazer o seu pedido. Os seus fins nesta guerra são bem conhecidos, por que tem sido muitas vezes repetidos pelos chefes dos seus governos. Esses fins podem somente ser formulados em detalhe, com todas as justas compensações



Um soldado inglês transportando forragem através de um terreno lamacento

e indemnizações pelas perdas sofridas, quando chegar o momento do accordo. O mundo civilizado, porém, sabe que elles incluem necessariamente, em primeiro lugar :

A restauração da Belgica, da Servia e do Montenegro, com as devidas compensações.

A evacuação dos territorios invadidos da França, Russia e Rumania, com a competente reparação.

A reorganisação da Europa, garantida por um firme accordo, baseado tambem nos principios de nacionalidades, no direito que todos os povos de nações pequenas ou grandes tem de gosar inteira segurança e livre desenvolvimento economico, assim como, accordos sobre territorios e tratados internacionaes feitos de tal maneira que possam garantir as suas fronteiras e portos de mar, contra injustos ataques ;

A restituição de provincias ou territorios arrancados outr' ora aos alliados pela força ou contra a vontade de seus habitantes.

A libertação dos italianos slavs, rumenos, szechs, e slovaks, sob o dominio estrangeiro.

A libertação dos povos que agora estão sob a tyrannia assassina dos turcos, e a expulsão da Europa do imperio ottomano que tem provado ser inteiramente contrario á civilisação occidental.

9.—As intenções de Sua Magestade, o imperador da Russia, com respeito á Polonia, são claramente conhecidas na proclamação que dirigiu aos seus exercitos.

10.—E' quasi desnecessario acrescentar que os alliados desejam salvaguardar a Europa das garras do militarismo prussiano, e nunca foi sua intenção, como se tem allegado, procurar a exterminação ou a extincção da politica do povo allemão.

O principal fim dos alliados é assegurar a paz, baseada nos principios de liberdade,

justiça e inviolavel fidelidade ás obrigações internacionaes, que nunca deixaram de inspirar a acção dos Estados Unidos.

Com este elevado fim em vista os governos alliados, de per si e colligados, estão decididos a empregar toda a sua força e a supportar todo o sacrificio para que possam appres-



Removendo a lama na região do Somme

sar o fim victorioso de um conflito do qual estão convencidos, depende não somente a sua propria segurança e prosperidade, mas o inteiro futuro da civilisação.

AS DECLARAÇÕES DO GOVERNO BELGA

Nesta nota, o governo belga associa-se á resposta entregue pelo sr. Briand ao sr. Sharp, e presta em primeiro lugar, particular homenagem aos sentimentos de humanidade que ditaram a acção de presidente Wilson ao enviar a sua nota.

O governo belga declara apreciar altamente a amizade de que se faz interprete para com a Belgica, acrescentando que desejariam tanto

como o presidente Wilson, que a guerra actual terminasse o mais breve possível. Tomando por exemplo a Belgica, demonstra que os homens de Estado dos campos oppostos não tem todos o mesmo fim na guerra. A Belgica nunca teve em vista, conquistas. A maneira barbara por que a Allemãnda tratou e trata ainda a nação belga, permite prever que no futuro os direitos dos povos fracos serão calçados aos pés, pois que desencadeou uma guerra que está assolando a Europa. Registou com prazer e confiança, a afirmação de que os Estados Unidos estão impacientes por cooperar em providencias que, depois da paz, protejam e garantam as pequenas nações contra a violencia e a oppressão. Demonstra que a Belgica, antes do "ultimatum" allemão, vivia em bons termos com todos os seus vizinhos e praticava uma escrupulosa neutralidade. E como foi recompensada pela Allemãnda pela confiança que lhe testemunhava? A sua neutralidade violada e o seu territorio invadido são a melhor resposta a esta pergunta. O proprio chanceler reconheceu a iniquidade de semelhante acto, prometendo que seria reparado, mas os allemães, depois da occupação do territorio belga, não observaram mais as regras do direito das gentes da convenção da Haia e esgotaram os recursos do paiz, arruinando as industrias, destruindo cidades inteiras, assassinando, encarcerando os habitantes que ainda produzem algum esforço. E fala-se então no desejo de pôr fim aos horrores da guerra. Augmentar o horror da occupação, sim reduzindo á escravidão milhares de trabalhadores belgas.

A nota acrescenta que se ha paz que tenha o direito de dizer que pegou em armas para defender a sua existencia é certamente a Belgica. Forçada a combater ou a submeter-se á vergonha, ella deseja apaixonadamente que seja posto termo aos sofrimentos inauditos da sua população. Mas ella não poderia aceitar senão uma paz que lhe restituísse a sua independencia completa, politica e economica, que lhe assegure a integridade do seu territorio e da sua colonia africana, que lhe traga renarações equitativas e seguras garantias para o futuro.

A nota conclue exprimindo profundo reconhecimento ao governo e ao povo americano, que testemunhou pelo povo belga, desde o começo da guerra, a sua sympathia mais ardente. Por fim, formula a legitima esperanza de que no regulamento definitivo a voz dos Estados Unidos se levantará com força para reivindicar em favor da nação belga, vitima innocente das ambições e cobiças allemãs, o lugar que o seu passado irreprezível, a valentia dos seus soldados, a sua fidelidade á honra e as suas notaveis facultades de trabalho lhe assignalam entre as nações civilizadas.

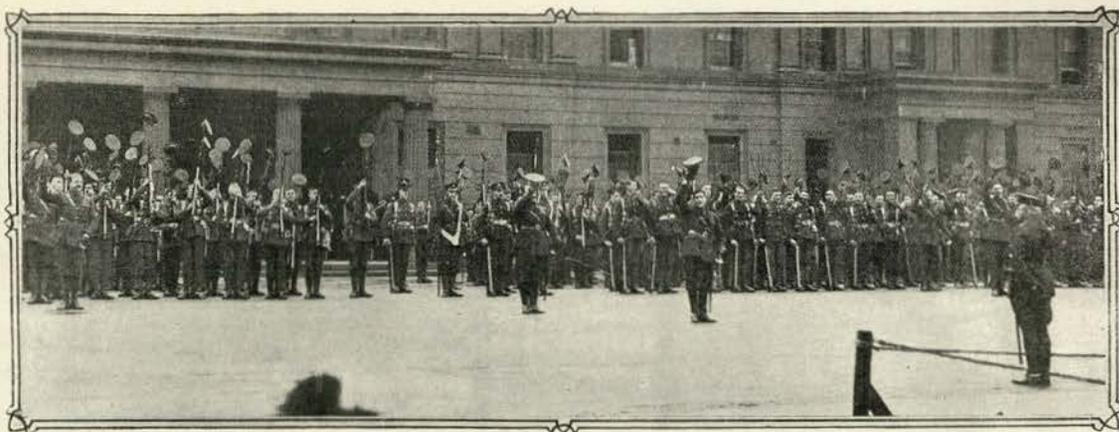
ASSALTO COM GRANADAS E BAYONETAS A UMA TRINCHEIRA ALLEMÃ NA VANGUARDA OCCIDENTAL.



ATAQUE COM FORTE BOMBARDEIO E GRANADAS FORCANDO AS TROPAS ALLEMÃES A RENDEREM-SE.

Depois do parapeto ter sido quasi arrasado pelo inenso e certeiro fogo da artilharia britannica, os soldados ingleses em grande numero entraram na trincheira do inimigo. A nossa illustração mostra os atiradores de granadas avançando contra a trincheira dos allemães aterrorizados que, com as mãos estendidas, estavam a ciosos por se renderem. Na frente vê-se uma metralhadora destruida, enquanto que mais alem, uma outra continua a fazer fogo sobre os assaltantes. Os atiradores de granadas avançam para atacar os artilheiros e tomar as suas metralhadoras. Num recente despacho o sr. Percival Gibbon descreve-nos a impressão causada por um ataque semelhante, aos allemães, que de bom grado se renderam: "Em primeiro lugar, dizem elles, vem

a barragem contra a qual nenhum homem pôde fazer coisa alguma e só podem se considerar felizes aquelles que não são despedaçados pelos estilhaços, à medida que, em columnas cerradas, se arrastam sobre o parapeto da trincheira e desfilam na planície. Mal isso se effectua, antes que a trincheira tenha sido reconstruida ou os soldados allemães se reanimem, a infantaria britannica chega, arremessa granadas e dá uma forte carga de bayoneta sobre o inimigo. Nenhuma outra coisa poderia um soldado allemão sensato fazer, senão levantar os braços e pedir misericórdia, e nada mais heroico do que morrer no seu posto." Na nossa illustração vê-se o official ingles de pé, no centro, revolver em punho, dirigindo o ataque á trincheira.



O Duque Connaught saudado pelos "Scots Guards," durante uma inspecção.

MENSAGEM DO MINISTRO DAS RELAÇÕES ESTRANGEIRAS DA INGLATERRA

AO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS, POR INTERMÉDIO DO SEU EMBAIXADOR EM WASHINGTON

"Ao enviar-vos a tradução da nota dos aliados, desejo acrescentar as observações seguintes, que vos peço, transmitais ao governo dos Estados Unidos.

Deduzo do conteúdo da nota do presidente Wilson que, embora elle deseje que a paz seja dentro em breve restabelecida e que seja duradoura, quer, contudo, ficar alheio, por agora, pelo menos, ás condições de paz e sobre as quais essa paz se deveria estabelecer. O governo inglés compartilha completamente na maneira do vér do presidente Wilson, mas é sua arreigada opinião que a duração da paz deve forçosamente depender do seu caracter e que nenhum sistema estável de relações internacionais se pode construir sobre alicerces essencialmente e irremediavelmente viciados.

"Isso apparece claramente quando se estudam os principais elementos da situação, que tornou possíveis as calamidades de que o mundo sofre hoje. E' em primeiro lugar a existencia de uma grande potencia, sedenta de dominação, no meio da colectividade das nações mal preparadas para se defenderem, abundantemente providas na verdade, de leis internacionais, mas sem organização para imporem o respeito dessas leis enfraquecidas tambem pelo facto de que as fronteiras dos diferentes Estados e a sua constituição interior não se harmonizam com as aspirações das raças que as constituem nem lhes asseguram um tratamento justo e igual. E' manifesto que as alterações no mapa da Europa, esboçadas pelos aliados, na sua nota conjunta, trariam em larga medida um alívio a este incomodo estado de coisas e por isso não insistirei neste ponto. Objecta-se que a expulsão dos turcos da Europa não é logica nem conveniente? Desde um grande numero de gerações que os homens de Estado de autoridade universal consideram a manutenção do imperio otomano como essencial á paz da Europa. Porque associar hoje a causa da paz á mudança completa desta politica tradicional? A resposta é que as circumstancias mudaram completamente. E' inútil procurar saber hoje se o estabelecimento de uma Turquia reformada que operasse no levante como mediadora das raças hostis seria uma concepção que nunca se poderia ter realizado supondo que o sultão fóra sincero e que a união reinava, entre as potencias. E' certo. Esta concepção é hoje irrealizavel.

"A Turquia dos jovens turcos do "comitê da união e progresso," é pelo menos tão barbara e muito mais aggressiva que a Turquia de Abdul-Hamid. Nas mãos da Alemanha, a Turquia não tem mesmo conservado a apparencia, de ser um esteio de paz; serve abertamente de instrumento de conquista. Enquadrados por officiaes allemães, os soldados turcos combatem actualmente nas regiões donde ha muito tinham sido expulsos. Fiscalizado, subvencionado e apoiado pela Alemanha houve um governo turco que se tornou réu das mais horribes carnificinas na Armenia e na Syria, carnificinas que a historia nunca registou mesmo nestes desgraçados países. Evidentemente no interesse da paz e das reivindicações das nacionalidades, todos são concordes que se torna necessario que se ponha termo se fóra possível á dominação turca sobre as raças estrangeiras, e temos occasião de esperar que a expulsão da Turquia do continente europeu contribuirá tanto para a causa da paz como o regresso da Alsacia-Lorena para a França, do Trento e de Trieste para a Italia, ou qualquer

outra mudança territorial indicada na nota dos aliados. E' todavia manifesto que tais recomposições territorias não podem diminuir os motivos de guerra, e não trazem garantia nenhuma sufficiente contra a sua renovação.

"Se a Alemanha ou antes aquellos dos allemães que educam a opinião do pais e dirigem os seus destinos, rehoassem a sua tentativa de dominar, o mundo teriam occasião de verificar que a nova ordem de coisas torna a sua aventura mais difficil, mas não a torna impossivel. Poderiam ter ainda á sua disposição um sistema politico completamente baseado sobre organização militar; poderiam acumular vastos equipamentos militares, aperfeçoar os seus processos de ataque de maneira que os seus vizinhos mais pacíficos fossem abatidos antes de terem podido pôr-se em estado de defesa. Se assim fosse a Europa encontrar-se-ia depois da guerra muito mais pobre de homens, de dinheiro e de boas disposições mutuas que antes da guerra, mas a sua segurança não seria maior, e as esperanças do presidente Wilson pelo futuro do mundo estariam mais longe do que nunca da sua realização. Algumas pessoas pensam que para esta enfermidade os tratados internacionais poderiam fornecer remedio sufficiente, mas essas pessoas não comprehendem bem os ensinamentos dados pela historia, por uma forma tão clara. Enquanto outras nações e nomeadamente os Estados Unidos e a Gran-Bretanha se esforçam por meio de tratados de arbitragem para que nenhum conflito possa perturbar a paz que desejariam tornar perpetua, a Alemanha põe-se de largo. Os seus filosofos e historiadores pregavam os esplendores da guerra e proclamavam que toda a potencia era um verdadeiro fim de Estado.

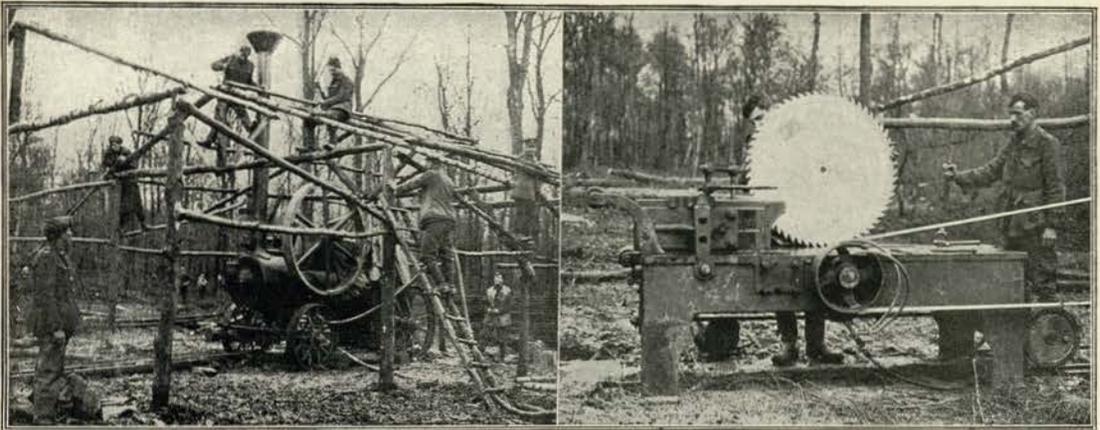
"O estado maior allemão forjava com devoradora actividade as armas com as quais no momento dado seriam atingidas todas as forças. Isto são factos que provam muito claramente que os acordos contractuais para a manutenção da paz não são susceptiveis de serem encarrados em Berlim com grande favor. Estes factos não provam que os tratados uma vez celebrados, fossem completamente inefficazes, mas isso tornou-se evidente apenas quando a guerra rebentou, fazendo-se então a demonstração, que foi surpreendente.

"Emquanto a Alemanha fór aquella Alemanha que sem sombra de justificação invadiu e maltratou de modo selvagem um pais que ella propria se tinha comprometido a defender, nenhum Estado pode considerar os seus direitos como seguros se um tratado solemne fór a sua unica protecção. Quando se pensa que as potencias centrais empregavam expressamente a brutalidade com o proposito deliberado de não sómente esmagar os seus adversarios, mas tambem de intimidar as nações com as quais estavam ainda em paz, o caso toma um aspecto muito peor. A Belgica não foi apenas victima. As potencias centrais quiseram fazê-la servir de exemplo, e queriam que os neutros observassem os atentados comoconitentes com a sua conquista o reino deitarem que se seguiu á sua occupação, as deportações de parte da sua população e a cruel oppressão da parte restante. E para impedir que as nações felizmente protegidas contra os exercitos allemães pelas esquadras britannicas ou pelas suas proprias esquadras, possam supôr-se ao abrigo dos processos allemães, os submarinos allemães tem no

limite dos seus meios fielmente imitado" as praticas barbaras dos exercitos allemães. Os estados maiores de guerra das potencias centrais não sentem a mais leve perturbação em mostrar ao mundo horror, contanto que lhes inspirem ao mesmo tempo terror. Se as potencias centrais lograssem o seu intento, devê-lo-iam a processos desta natureza. Como se poderia então basear a reforma das relações internacionais sobre uma paz obtida, por estes processos? Semelhante paz seria o triumpho de todas as forças que tornam as guerras certas e as fazem brutais. Uma tal paz poria em destaque a inanidade de todos os processos com que a civilização conta para eliminar as causas dos conflitos internacionais e atenuar-lhes a ferocidade. A Alemanha e a Austria atacando os direitos de um pequeno Estado tornaram a guerra inevitavel. A Alemanha e a Austria alcançaram os seus primeiros triumphos roubando os territorios do Luxemburgo e da Belgica. Irão pois os pequenos Estados encontrar na Alemanha e na Austria os seus futuros protectores? Vão porventura encontrar nos tratados feitos pela Alemanha e pela Austria uma muralla contra as aggressões? Ter-se-á provado que o terrorismo em terra e no mar é instrumento de victoria? Abandonarão os vencedores este instrumento a pedido dos neutros? De que nos servirão os novos tratados se os existentes não tem mais valor que farrapos de papel? Se a violação das mais fundamentais regras do direito das gentes é coroada de exito, não será em vão que as nações reunidas trabalhem para melhorar o seu codigo internacional. Ninguém tirará beneficios deste codigo sendo os criminosos que o violaram. Portanto, compartilhando completamente do desejo do presidente Wilson relativo á paz, o povo britânico não crê que a paz seja duravel se não fór baseada no exito da causa dos aliados.

"Para que uma paz seja duravel são precisas três condições: Primeiramente é necessario suprimir ou atenuar tanto quanto possível as causas existentes da perturbação internacional. Em segundo lugar torna-se necessario que as vistas aggressivas e os processos sem escrúpulos das potencias centrais caiam no descredito do povo destas potencias. Por ultimo é necessario que além do direito internacional e de todos os acordos contractuais para impedir ou limitar as hostilidades, se estabeleça uma forma de sanção internacional tal que possa fazer hesitar o agressor mais resolutio. E' possivel que estas condições sejam difficeis de cumprir, mas crêmo-las de geral acordo com os ideais do presidente dos Estados Unidos e estamos convencidos de que nenhuma destas condições pode ser cumprida mesmo imperfeitamente, a não ser que, pelo que toca á Europa, a paz seja baseada nas linhas gerais indicadas na nota conjunta das potencias aliadas. E eis porque a Gran-Bretanha fez e está a caminho de fazer e disposta a fazer sacrificios de sangue e de dinheiro sem precedentes na sua historia.

Ella suporta todos estes pesados fardos não sómente para poder cumprir as suas obrigações contractuais; suporta-os porque está firmemente convencida de que no successo dos aliados depende o futuro da civilização pacifica e destas reformas internacionais de os grandes pensadores do novo mundo como do antigo não ousam esperar a possível realização logo que terminem as calamidades actuais."



1—Improvizando uma serraria nas linhas da vanguarda. Erguendo a construção que cobrirá a machina motora. 2—A serra nas novas instalações.

OS FILHOS DOS INVASORES

A face mais impolante da actual guerra europeia é, sem duvida alguma, a brutalidade praticada pelos soldados allemães contra indefezas mulheres belgas e francezas.

A verdade sobre o assumpto não pode mais ser sophismada por aquelles que, ou por dever de nacionalidade, ou por sympathias de qualquer especie, negavam que podessem homens *knifis* praticar actos de selvagerias vergonhosamente immoraes.

Mas não é a discussão desses delictos bestiaes e deprimentes para a humanidade do seculo XX que nos move a pena.

Firmado o crime cuja punição escapa á humana justiça, queremos analysal-o em suas negras consequencias. Em toda a parte do mundo, todas as classes sociaes se tem interessado por elle, e as mais desencontradas opiniões, os mais antagonicos juizos tem sido expendidos, procurando uma solução razoavel á situação afflictiva das victimas dos allemães.

Podem as mulheres belgas e francezas, violadas pelo inimigo commum, procrear o fructo desse ultrage?

Devem fazel-o? Devem e. podem a Belgica e a França consentir que em seu proprio territorio vingam e floresçam os filhos de crimes tão ultrajantes ao seu brio, á sua moral, á sua dignidade?

Respondamos por partes. A mulher tem na natureza, por qualquer prisma que seja olhada, a inuldivel e essencial tarefa de reproduzir a especie.

A sua funcção de mãe, de creadora *sine qua* da especie tem attributos especiaes que a collocam em plano superior dentro dessa mesma especie.

Cotejando todo o reino animal, desde o mais infimo insecto (pelo tamanho) até aos maiores quadrupedes, nós observamos que a reprodução da especie é conseguida quasi inconscientemente, si não sempre obdecendo tão somente a impulsos estranhos á funcção—ao desejo, á amizade, á sympathia—ao amor emfim.

E no genero humano todos esses sentimentos se exaltam, se purificam, se aperfeicoam no ser-mulher concentrando-se na resultante o filho.

Notamos na sociedade que as mães mais dedicadas, mais extremadas, aquellas em que mais se santifica o sentimento da maternidade, são aquellas em cuja vida sexual maior, mais puro e mais poderoso foi o amor pelo homem.

Ao contrario, as mães criminosas, a não serem loucas, são geralmente as que conceberam sem amor, ou levadas pela pobreza, ou subjugadas pela força ou vencidas por sentimentos inconfessaveis.

Queremos portanto, afirmar que quanto mais puro tiver sido o sentimento do amor na reprodução da especie tanto mais elevado, tanto mais puro, tanto mais selecto será o amor materno. Tanto menos verdadeiro, tanto menos subsistente, tanto menos partilhado esse mesmo sentimento, tanto menos querido o fructo resultante.

Ora, pois, assentando isso, podemos admittir que haja alguma mulher que sinta uma pequena particula de amor materno por um filho da brutalidade do inimigo que lhe invade a patria, que lhe massacara os entes caros, que a viola com todos os requintes da perversidade, da fereza, da deshumanidade.

Não é possivel. Nenhuma mulher belga ou franceza, por mais elevados que sejam os seus sentimentos affectivos, por mais espirituales que sejam os surtos do seu amor ao proximo, pode sequer ter compaixão ou piedade pelo novo ser que lhe custou uma afronta pessoal, uma afronta ao seu lar, uma afronta á sua Patria.

Excusado insistir. A mulher belga e a mulher franceza não poderão procrear os filhos dos invasores, por motivos de ordem humana, moral e patriótica.

Devem fazel-o? Não!

Como poderão taes mulheres, sem o esteio do amor materno, olhar, cercar de cuidados esses pequenos seres que a cada momento lhes lembram a vergonha que as ultrajou, a desgraça que as feriu, a brutalidade de um inimigo que



Um "Tommy" inglez cortando uma arvore

lhes invadiu e destruiu a Patria, aniquilando o lar, destroçando a familia, com requintes de perversidade, de desprezo, de deshumanidade!

Si solteira a mulher, qual a posição social alcançar, trazendo a seu lado, expondo no seu proprio lar, na sua propria aldeia, diariamente, a prova natural de sua vergonha, de sua desdita do desmoronamento terremoto de todos os seus sonhos e aspirações de virgem?

Si casada, ao lado dos filhos de seu amor poderá deixar que medre a vida e se desenvolva o ferete de sua maldição que a guerra selvagem lhe atirou á frente, ferindo-a no intimo de seu amor conjugal e lançando no coração do pae de seus filhos queridos a semente da desconfiança, que gera o ciume, do desgosto que gera o enfado do abortecimento que gera o odio?

E socialmente que nome darão a essas pobres mães, a esses fructos da degradação e da maldade?

Não as mulheres belgas e francezas não devem procrear os filhos dos invasores.

Podem os paes ultrajados nas pessoas de seus filhos consentir que em seu proprio territorio se desenvolvam e cresçam com as mesmas regalias dos seus cidadãos esses filhos do crime, do odio, do cynismo, do desdem, da prepotencia, e da covardia?

Não. Civilmente, elles lembrarão sempre o espectro da desgraça da Patria, da ferida ultrajante rasgada em sua dignidade de povo independente, a humilhação suprema atirada ás faces dos provos civilizados e cultos.

Que fazer, pois dessas creanças, que fim dar aos filhos dos invasores? Matal-os, dizem muitas vozes.

Matar? Não! Que culpa tem essas cranças da maldição que lhes peza? Que responsabilidade lhes cabe pelo crime de seus paes, que expiação devem partilhar pelo infamante principio que os procreou?

Não ha discussão—são innocentes.

E podem ser assassinados? Em paiz algum do mundo civilizado tal é permitido, e mais liberal de que todos os paes do velho e do novo continente, poderão soffrer a pena de morte, estabelece o codigo penal brasileiro.

E porque, pois, Herodes modernos, iriam belgas e francezas, condemnar á morte creanças indefezas, pobres innocentes, só porque tiveram a desdita de serem oriundas do crime?

Qual o homem que assumiria, com as prerogativas de juiz, a responsabilidade de punir o crime dos invasores com o sacrificio dos innocentes?

Si accusam o inimigo da pratica de crimes hediondos, da execução de actos perversos, incompatíveis com a humanidade deste seculo, como cometer iguaes crimes, friamente, antecipadamente pensados e calculadamente executados?

Não! A morte não vem reparar a offensa a morte não é remedio applicavel, seria um novo crime perverso, nojento e infame, sem attenuantes e movel sympathicos.

A morte dessas creanças seria uma vingança baixa e cruel e não uma desafronta, uma reparação.

Que fazer então? Entregal-os aos paes.

São paes anonymos, sabemos, mas o Estado é sempre pae dos filhos esquivos e pae, no presente caso, a patria dos invasores deve acolher os filhos dos seus guerreiros, agasalhando-os sob a sua bandeira, tropheus que são de seus feitos marciais.

E seria facil ao termino da luta, quando a victoria reconduzir reconfortados aos seus lares os que escaparem do impeto guerreiro do reino-império, aos governos belga e francez, generosamente, humanitariamente, entregarem á protecção das azas *ullas*, das aguias prussianas, por condição expressa no tratado de paz, assegurando-lhes conforto, as miseras creanças, esses pequenos seres sem mãe, filhos dos invasores.

Dr. Adpos.

Rio de Janeiro.



1—Desolação! Entre machinismos de lavoura arruinados, um guia aguarda as ordens do seu commandante. 2—Soldados ingleses tirando dois animais de um buraco feito pelo fogo de artilharia

COL-DI-LANA

Os italianos avançam em toda a fronteira austriaca através de obstáculos insuperáveis nessa memorável passagem dos Alpes tyrolezes, que é uma das maiores façanhas da guerra actual.

Descendo valles, trepando montanhas, subindo penosamente os pincaros mais elevados dessa abrupta região de profundos desfiladeiros onde as tropas se sumiam como numa eterna descida para o inferno, e de elevados picos onde pareciam querer guindar-se a combater nas nuvens, as valentes phalanges do exercito italiano invadiam lenta mas seguramente o paiz seu tradicional inimigo, na libertação anciada de milhões de irmãos da mesma raça, cujo solo o jugo imperialista amputara, ha muito tempo, violentamente á mãe patria, contra todos os direitos de raça, de sangue e de nacionalidade.

Mas, de cumeada em cumeada, subindo sempre de mais alto a mais alto, os italianos esbarram emfim com o Col-di-Lana, o mais alto pincaro da accidentada região, onde os austriacos se haviam fortificado poderosamente. A posição domina inteiramente toda a campanha, constituindo um observatorio esplendido para a artilharia inimiga, que com as indicações de alto cabeça, ajusta com facilidade a sua pontaria.

É uma posição formidável, e para avançar necessario e tomal-a a todo o custo. A voz de seus officiaes correm os italianos ao assalto, deixando o solo coberto de cadaveres e sem poderem conseguir a conquista da terrível posição. Não esmorecem os bravos do general Cadorna.

Renovam o ataque, assaltam com verdadeira furia, entram nas trincheiras inimigas, acutilam, ferem, matam, mas as perdas soffridas ao treparem a ingreme fadeira, a penhascosa encosta onde com difficuldade se mantinham em pé, obrigam-nos a retirar, deixando essa fortaleza ainda nas mãos de seus irreductiveis inimigos.

Mas é preciso tomar Col-di-Lana. Entrincheiram-se a cem metros das posições dos austriacos e aferram-se ao terreno inferior, apesar do fogo infernal dos de cima e da inferioridade da sua situação.

É preciso tomar o Col-di-Lana, repetem apenas. Aos ataques e contra ataques succedeu por fim uma especie de tregua completa entre os dois adversarios.

A dois mil metros de altura os dois exercitos combatentes observam-se numa desconfiança que parece eternisar-se e sem que nenhum destes tente romper a apparente indiferença em que vão deixando correr o tempo.

Um dia nas trincheiras austriacas appareceu o seguinte repto atirado lá do alto aos soldados italianos: Poderéis tomar Trento ou Trieste, mas Col-di-Lana nunca!

Entretanto, no campo italiano trabalhava-se noite e dia para arrancar aos austriacos a inexpugnável posição.

Depois do ultimo fracasso, um jovem tenente de engenharia dirigindo-se ao commandante do sector, declarou-lhe muito simplesmente que tomaria elle o Col-di-Lana.

La minar-se a montanha! Ante o arrojido do destemido official, os seus camaradas assombrou-se: a tarefa é impossivel!

Minar a montanha, fazel-a abater, saltar, destrui-la, emfim, rebental-a como quem rebentam um simples forninho, uma pedra. . . .

Impossivel! Mas o tenente e os seus soldados entranham-se, já pela terra dentro, numa construção de galeria que tinha de attingir o cume do cabeça.



Soldados ingleses combatendo os buracos escavam a giz nos lobuzes: "R.M.A. garantia da paz."



Observando as trincheiras allemãs através de um periscopio



Uma gruta das linhas britannicas, inundada

O trabalho é gigantesco, mas os sapadores não desanimam. A galeria avança em espiral para o lado do monte.

A medida que avança no ventre da montanha, como que procurando feril-a no coração, o ar falta, as luzes apagam-se, mas o trabalho redobra com a resistencia da rocha cada vez mais compacta e mais dura. O tempo passa mas a mina avança.

Pelo escuro da noite, cuidadosamente, introduz-se na mina um aparelho perfurador automatico, e o trabalho continua então com mais violencia.

De quando em quando os soldados mineiros vem á bocca da mina respirar por momentos, bocas escancaradas, o ar puro que lá dentro lhes falta. Os dias correm, as semanas voam e a perfuradora com os soldados, vac roendo a rocha, incessantemente, continuamente, nessa marcha helicoidal, nesse romper para o alto, onde aos pobres trabalhadores parece que nunca chegam.

A fadiga augmenta, e a tenacidade dos mineiros tambem. Com os proprios mineiros e com elles o estoico tenente trabalha tambem. A mina está perto do alto!—Cuidado agora—manda o official, avaliando com justeza a curta distancia que os separa da plataforma do monte, da praça de armas do forte inimigo.

São quasi tres meses de trabalho sem que os austriacos suspectem da colossal obra dos seus adversarios! A montanha está minada! Mas é preciso trabalhar ainda, empregar as ultimas energias, mas cuidadosamente, sem ruido, que os de cima podem surprehender.

Trabalhava-se sem descanso quando um dia, num curto momento de socego, aos ouvidos dos soldados chegou o ruido ruído, muito leve, como uma serra entrando na madeira.

Parem! brada o tenente applicando o ouvido á rocha. . . . No meio de um silencio tumular, pallidos, os soldados, attentos, ouviram então todos, entreolhando-se na surpresa de um cataclysmo imminente, pela parte de cima de suas cabeças, o ruido do aparelho perfurador austriaco que mal se distinguia ainda, mas que ia abrindo cautelosamente a contra mina que ia inutilisar-lhes quasi quatro meses de trabalho e cortar-lhes a esperanza de tomarem o Col-di-Lana.

Tinham sido descobertos! E cautelosos, mas febrilmente sob a impressão horrrosa de verem de repente as abobadas das minas desabarem sobre elles, os soldados italianos brocavam sempre, subiam sempre, alongando a espiral que quasi tocava já o cume do monte.

De quando em quando paravam para escutar. Do lado de cima o ruido cada vez mais perceptivel da perfuradora da contra mina, lá estava roendo tambem a rocha pondo arrepios na espinha dos pobres soterrados que só descansavam quando caiam de fadiga.

Termina emfim a mina. O moço tenente julga pelos seus calculos que a galeria tem chegado ao ponto necessario para fazer voar o monte com a carga de dynamite que previamente calculou tambem.

Escuta uma vez mais. A outra perfuradora roe ainda.

Cautelosamente, no extremo da extensa galeria, na camera de explosão, accumulam-se agora 100 quintaes de nitro-glycerina, diante dos

Continuação na pag 381.

VERDADEIRA ALIMENTAÇÃO PARA CÃES



Este cão é um exemplo do mais perfeito estado em que pode ser mantido um animal desta raça — esplendor, saúde, e fúria de vida, e faz honra ao seu dono.

SPRATT'S DOG CAKES
(Biscoito para cães)
PUPPY BISCUITS
(Biscoito para filhinhos)

Alimente o seu cão durante um mês com SPRATT'S BISCUITS (Biscoito Spratt's) e verá como melhora. A firma Spratt's é famosa em todas as partes do mundo para a alimentação de cães, galinhas, passaros e outras aves domesticas, mencionando para qual das especies deseja. Enviam-se gratis. Dirija a correspondencia para: **SPRATT'S PATENT LIMITED,** 2425, Fenchurch Street, Londres, Inglaterra.

JOHN WYMAN, LONDRES.

EXPORTADOR PARA O BRAZIL.

Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos.

Especialidades Inglesas e Estrangeiras.

MARCA REGISTRADA:
"ESTRELLA VERMELHA,"
CONHECIDISSIMA EM TODO O BRAZIL HA MAIS DE 50 ANNOS.

A.H.Parker

Fabricantes e Exportadores de Moveis Para Residencias e Escriptorios.

Todos os trabalhos são esmeradamente acabados e garantidos. Aceitam-se encomendas do estrangeiro.

4, BISHOPSGATE, LONDON, E.G.

London and Brazilian Bank, Limited.

Estabelecido em 1862.

Capital subscrito, 225,000 Ações de £50 cada uma	£2,500,000
Capital realizado	£1,250,000
Fundo de reserva	£1,400,000

Casa Matriz: 7, Tokenhouse Yard, Londres, E.C.

SUCURSAES:—

BRASIL: Rio de Janeiro, Mamão, Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Santos, São Paulo, Curitiba, Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIO DA PRATA: Montevideo, Buenos-Aires, Rosario.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA: Nova-York (Agencia), Franca, Paris, Rio de Janeiro, PORTUGAL: Lisboa, Porto.

Agentes ou correspondentes em todas as praprietases da Brazil, Uruguay, Argentina, Estados Unidos da America, e Europa, cartas de credito, e Remessas Saques or telegramas emitidos pelas Succursas e Agentes de Cambio descontadas as mudancas a cobrança todo o genero de transações bancarias.

STOWELL & Co., LIVERPOOL.

NO PARÁ Stowell Brothers
EM MANAOS Stowell & Sons
EM PERNAMBUCO .. Stowell & Nephew

EXPORTADORES E IMPORTADORES

FERRAGENS, FAZENDAS, ESTIVAS, METAES, ALGODÃO, BORRACHA.

BAISS BROTHERS & CO. Grange Works, LONDRES (ESTABELECIDOS EM 1833).

Fabricantes de DROGAS PRODUCTOS CHIMICOS E ACCESSORIOS PARA HOSPITAES.

O "ROTULO VERMELHO" com a MARCA ACIMA É CONHECIDO NO BRAZIL HA UM SEculo uma Prova da BÓA QUALIDADE DE NOSSOS PRODUCTOS.

"The South American Journal" FUNDADO EM 1863. Diploma de honra na Exposição de Buenos Ayres em 1910.

Este semanario é o principal orgão em inglez para as relações commercias entre a Inglaterra, a America do Sul, Central, e o Mexico contendo o resumo das ultimas noticias, e o relatorio de todas as companhias respeitantes aquelles paizes. Indica tambem a melhor oportunidade para negocios, o estado do mercado, e o que lhe merece um cuidado especial, a situação financeira. Tem uma larga circulação no continente europeu, bem como no Brazil, e outros paizes da America latina, sendo assignado por muitos banqueiros, proprietarios, exportadores engenheiros negociantes, companhias de navegação, de caminho de ferro, de tramway, de gas, escriptorios officiaes e por todas as empresas que tem interesses na America do Sul. Para annuncios pedir a tabella.

Redacção e administração, 309-312, Dashwood House, 9, New Broad St., LONDRES, E.C. Assignatura annual 25 shillings Numero avulso 6 pennies. Manda-se gratis um exemplar para amostra

R.M.S.P. & P.S.N.C. (MALA REAL INGLEZA).

Os mais luxuosos vapores com o maximo conforto.

Serviço continuo de paquetes entre os portos do IMPERIO BRITANNICO

HESPANHA, PORTUGAL. Ilhas das CANARIAS, S. Vicente (C.V.), **BRASIL, RIO DA PRATA** e outros portos da AMERICA DO SUL. **ANTILHAS** e **CANAL DO PANAMA.**



Varandas para café. Apartamentos de luxo e Camarotes com uma unica cama. Criados Portuguezes.

PARA INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE: Royal Mail Steam Packet Co., Pacific Steam Navigation Co., London: 18, Moorgate Street, E.C. Liverpool: 31, James Street.

RIO DE JANEIRO: 55, Avenida Rio Branco.

Linha de Vapores Nelson Viagens rapidas todas as semanas DE LONDRES A MONTEVIDEO E BUENOS AYRES.

Preços os mais modicos, com o maximo conforto. Para informações sobre passagens ou fretes dirijam-se Á agencia— **WILSON SONS & CO.,** Rio de Janeiro. **H. W. NELSON, LIMITED,** Buenos Ayres.

FINANÇAS BRAZILEIRAS

The Financial Times é o mais importante jornal em materia de finanças e, no genero, o de maior circulação na Gran-Bretanha. Um diario incontestavelmente reconhecido como o melhor meio pelo qual os capitalistas ingleses correctamente se informam dos desenvolvimentos financeiros e commercias do Brazil.

Todas as comunicações devem ser dirigidas ao Redactor ou Gerente Commercial "The Financial Times," 72, Coleman Street, Londres, E.C.

LINHA BOOTH.

Viagens regulares entre Liverpool, Hespanha, Portugal, Madeira, Pará e Mandós.

Os paquetes são confortavelmente aquecidos por meio de irradiadores, caprichosamente iluminados a luz electrica, e todos os seus compartimentos aparelhados com ventiladores. Transportam installação de telegraphia sem fios, medicos, enfermeiros, creados e orchestra, para o conforto e gozo de seus passageiros.

Para informações detalhadas dirijam-se aos agentes da Linha Booth, nos portos em que tocam, ou á

THE BOOTH STEAMSHIP Co., Ltd. Escriptorios de Londres: Tower Buildings, 11, Adelphi Terrace, W.C. Administração: Tower Buildings, Liverpool.

LAMPOR & HOLT LINE

Linha de vapores para transporte de passageiros e malas para a AMERICA DO SUL, BRAZIL, RIO DE PRATA, E NEW YORK

Vapores de carga, directos, transportando passageiros de primeira classe. Partidas quinzenaes de Manchester, Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para a bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Partidas quinzenaes de Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para Montevideo, Buenos-Aires e Rosario, De Glasgow, Liverpool e Havre, para os portos occidentaes da America do sul.

Para informações dirijam-se a **LAMPOR & HOLT, Ltd.**

LIVERPOOL—Royal Liver Building. LONDRES—38 Lime Street. MANCHESTER—21 York Street.

BEBAM SÓMENTE CHALIPTON

O melhor Chá do Mundo



A VENDA EM TODOS OS MELHORES ARMAZENS

SCENAS DA GUERRA



Os briosos soldados escoceses celebrando o dia do Anno Novo, em França



Official Photograph.

Uma igreja inteiramente destruída, pelos bárbaros alemães; ao lado, porém, o crucifixo foi conservado intacto. Um soldado britânico, no meio das ruínas, contempla o sacrilegio